

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017

GT-3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

**NOS LIMITES DO PARATEXTO: POSSIBILIDADES PARA REFLETIR A MEDIAÇÃO E
APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO**

Pedro Ivo Silveira Andretta (Universidade Federal de Rondônia - UNIR)

Edmir Perrotti (Universidade de São Paulo - USP)

***IN THE PARATEXT LIMITS: POSSIBILITIES TO REFLECT MEDIATION AND APPROPRIATION OF
INFORMATION***

Modalidade da Apresentação: Pôster

Resumo: A presente pesquisa problematiza o paratexto e os conceitos de mediação e apropriação da informação. Nosso objetivo é discorrer sobre a natureza e o funcionamento dos elementos paratextuais sob a concepção de mediação e apropriação da informação. Para tanto, percorremos algumas proposições teóricas dos domínios da Ciência da Informação, dos Estudos Literários e da Comunicação, sob a forma de pesquisa bibliográfica de ordem exploratória. As seções apresentadas são: *Mediação e Apropriação da Informação*, na qual trazemos resumidamente os apontamentos de Almeida Júnior, Carmem Batista, Jean Davallon, Roger Chartier e Perla Serfaty-Garzon; *O Paratexto*, na qual abordamos sobretudo as perspectivas de Yves-François Le Coadic e Gérard Genette e, por fim, as *Considerações finais: possibilidades de estudos do paratexto*, em que indicamos a possibilidade de compreender os elementos paratextuais como instrumentos de mediação e apropriação da informação e recordamos alguns trabalhos em Ciência da Informação que abordaram o paratexto, peritexto e epitexto. Nessa seção, pensamos, ainda, em possibilidades de interlocução com a Análise do Discurso e a História Cultural para compreender, nos eixos sincrônico e diacrônico, o fenômeno da mediação e apropriação da informação na extensão paratextual, as transformações do perfil do leitor, o mercado editorial e as mudanças socioculturais.

Palavras-Chave: Paratexto; Mediação da Informação; Apropriação da Informação.

Abstract: This research discusses the paratext and the concepts of mediation and mastering of information. Our goal is to learn about the nature and functioning of paratextual elements, meeting the conception of mediation and mastering of information. For this purpose, we explored some theoretical propositions in Information Science, Literary Studies and Communication in the form of an exploratory bibliographical research. The sections presented are: "The Mediation and Mastering of Information", in which we briefly bring the notes of Almeida Junior, Carmem Batista, Jean Davallon, Roger Chartier and Perla Serfaty-Garzon; "The Paratext" in which we approach the perspectives of Yves-François Le Coadic and Gérard Genette, and finally the "Final considerations: possibilities of studying paratexts", in which we indicate the possibility of understanding the paratextual elements as instruments of mediation and mastering of information, brought again some

studies in Information Science that approached the paratext, peritext and epitext and we suggested possibilities of interlocution with the Discourse Analysis and Cultural History areas to understand the phenomenon of mediation and mastering information in the paratextual

extension, in the changes of the reader profile, in the publishing market and in the sociocultural changes in the diachronic and synchronic axes

Keywords: Paratext; Mediation of Information; Appropriation of Information.

1 INTRODUÇÃO

Compreendemos, nas pesquisas em Ciência da Informação, que os conceitos de *mediação* e *apropriação da informação* estão imbricados e são fundamentais para pensar as práticas dos profissionais da Informação (ALMEIDA JÚNIOR, 2015). Em contrapartida, percebemos que as reflexões sobre o *paratexto* e os *elementos paratextuais* têm ocupado um lugar bastante periférico nos estudos da área, e particularmente, no âmbito nacional.

Nesses termos, temos como objetivo discorrer sobre a natureza e o funcionamento dos elementos paratextuais sob a concepção da mediação e apropriação da informação. Para tanto, propomo-nos a percorrer sumariamente algumas proposições teóricas dos domínios da Ciência da Informação, da Comunicação e dos Estudos Literários, sob a forma de pesquisa bibliográfica exploratória.

A seguir, estruturamos a redação da pesquisa em três seções: na primeira abordamos de modo sucinto os conceitos de mediação e apropriação da informação; em seguida, apresentamos alguns apontamentos sobre o paratexto. Na última seção, em nossas considerações finais, a fim de alcançar nossos objetivos, apresentamos o enlace, e refletimos sobre os elementos paratextuais frente à mediação e a apropriação da informação, propondo alguns caminhos para pesquisa.

Começemos, então, pelas noções de mediação e apropriação da Informação.

2 MEDIAÇÃO E APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Há alguns anos, o pesquisador Oswaldo Almeida Júnior (2009) apontava a *mediação da informação* como o novo objeto de estudo da Ciência da Informação. Para o teórico, a mediação da informação pode ser compreendida como:

Toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais. (ALMEIDA JÚNIOR, 2015, p.25).

A ação de mediação da informação, ainda como expõe Almeida Júnior (2015), independe da vontade do profissional e pode ser dividida em duas dimensões: uma intrínseca e outra implícita, a depender da posição do profissional da informação na interação com o público. Nesse conceito alguns pilares auxiliam a compreender a mediação para além do sentido de “ponte”, tais como: a interferência, a apropriação da informação e o profissional da informação.

O entendimento sobre a mediação é abordado pelo pesquisador francês Jean Davallon (2007), que identifica cinco áreas relativas ao conceito: a *mediação mediática*, a *mediação pedagógica*, a *mediação cultural*, a *mediação institucional* e a *mediação técnico-social*. Com isso, o teórico assinala, por exemplo, que a mediação mediática depende da figura do comunicador, que reenvia ou traduz o objeto cultural (ou seu discurso) para um público; na mediação pedagógica, por sua vez, o formador, ou educador, planeja, regula e orienta as interações para a aprendizagem do objeto cultural; já a mediação cultural vale-se de aspectos tanto da mediação mediática quanto da pedagógica. O autor segue dizendo:

Detenhamo-nos na mediação cultural. Pode ser definida, sem dúvida, a nível funcional: visa fazer aceder um público a obras (ou saberes) e a sua acção consiste em construir uma interface entre esses dois universos estranhos um ao outro (o do público e o, digamos, do objecto cultural) com o fim precisamente de permitir uma apropriação do segundo pelo primeiro. (DAVALLON, 2007, p. 4)

As características da mediação, ainda conforme Davallon (2007), são quatro, resumidas, grosso modo:

1. A ação produz, em maior ou menor grau, efeito sobre o destinatário;
2. O objeto, o ator ou a situação inicial são modificados durante a mediação;
3. O mediador é sempre humano, mas a mediação pode ocorrer por meio da ação humana em um dispositivo;
4. A ação do mediador impacta no ambiente, inclusive social.

As discussões sobre mediação da informação são tratadas também pela pesquisadora Carmem Batista, que assinala:

É por intermédio da mediação que o sujeito pode se apropriar dos objetos e dos bens culturais em circulação, num movimento de construção de autonomia no processo de aprendizagem. Num primeiro momento, o sujeito necessita de uma conjunção entre o objeto que necessita ser mediado, o dispositivo de mediação e ele próprio; num segundo momento, por meio da disjunção, o sujeito torna-se apto a construir seus significados próprios da cultura e sobre a cultura em que está inserido. (BATISTA, 2016, p. 183)

Vemos nessa proposição que a mediação imbrica-se com o conceito de apropriação. Sobre isso, Almeida Júnior (2009) coloca que a informação não existe antecipadamente, e sim na relação entre a pessoa e o conteúdo presente nos suportes informacionais.

A apropriação da informação não depende tão somente dos signos e códigos linguísticos, mas também dos conhecimentos e valores do sujeito. Já nos estudos sobre a História Cultural da Leitura, Roger Chartier recorda que:

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. (CHARTIER, 2002, p.77)

Também nessa direção, a socióloga Perla Serfaty-Garzon (2003, p. 27) afirma que “a apropriação é assim ao mesmo tempo uma apreensão do objeto e uma dinâmica de ação sobre o mundo material e social em uma intenção de construção do sujeito”. No contexto da Ciência da Informação, Batista pontua que

[...] na apropriação está implicada uma relação dialética, segundo a qual o sujeito, face ao objeto, desenvolve habilidades para construir suas representações do mundo, e por meio dessas construções simbólicas, o objeto adquire significados que expressam e produzem a subjetividade do sujeito. [...] A apropriação seria, assim, “produção”, “construção”, negociação entre sujeito e objeto, sujeito e mundo. (BATISTA, 2016, p. 184)

Dito isso, sigamos para compreender o paratexto.

3 O PARATEXTO

Em uma obra clássica da Ciência da Informação, Yves-François Le Coadic apresenta brevemente o paratexto como a:

orla textual que contorna o texto propriamente dito, o paratexto é um instrumento de adaptação entre um texto e um público. Tem por função essencial motivar a leitura, orientá-la e garantir sua pertinência, bem como balizá-la. Compreende o título, o(s) nome(s) do(s) autor(es), endereço, resumo, palavras-chave, citações ou referências, etc. (LE COADIC, 1996, p. 58)

A rigor, essa definição acentua seu caráter de normalização do texto, tal como pontuava Silvana Monteiro (2000). Contudo, esses limites podem ser alargados, ou melhor, pensados à sombra das discussões dos Estudos Literários, tal como proposto pelo teórico da literatura Gérard Genette.

Para o autor, “o paratexto é aquilo que por meio de um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público” (GENETTE, 2009, p. 9). O paratexto, grosso modo, é os arredores do texto do autor que compõem o livro, ou ainda a fortuna crítica que se acumula sobre o texto. Sobre isso, Genette (2009, p. 21, 303) distingue o paratexto em dois tipos: o *peritexto*, como “toda a zona do peritexto que se encontra sob a responsabilidade direta e principal (mas não exclusiva) do editor”, e o *epitexto*, como “todo elemento paratextual que não se encontra anexado materialmente ao texto no mesmo volume, mas que circula de algum modo ao ar livre, num espaço físico e social virtualmente ilimitado”.

Assim, temos peritexto como: nome do autor, títulos, intertítulos, capa, prefácio, notas introdutórias, posfácio etc.; e epitexto como: resenhas e críticas públicas, entrevistas, declarações, correspondências e anotações do autor. Essas duas dimensões, arredores, são capazes de modificar e atualizar o texto a um público, tal como coloca a comunicóloga Juliana Ribeiro, quando diz que

Os arredores do texto estabelecem a mediação entre o dentro e o fora, extraem elementos do conteúdo literário para compor as formas e palavras, mas também trazem um pouco do mundo que o cerca, que acolhe e circunda a criação do autor. Assim, por essas camadas intermediárias, a obra ultrapassa os limites circunscritos do papel, apontando tanto para o seu material interno, quanto para as suas margens e também para além delas. (RIBEIRO, 2002, p. 43)

Nessa linha, pesquisadores da educação interessados no fenômeno do paratexto colocam:

Quando se produz um texto há um movimento duplo: o de conservação de propriedades da obra e o da inovação que incorpora novas estratégias para incluir/incorporar leitores que não foram modelados antes, mesmo considerando que os leitores fazem escolhas diferenciadas das expectativas previstas. Para verificar essas mudanças é o estudo comparativo e contrastivo de diferentes edições que nos ajuda a obter um conjunto de dados significativos sobre estes processos, sobre os leitores e usos pretendidos de uma obra. (BARBOSA, FRADE, 2012, p. 2)

A seguir, esboçaremos como os elementos paratextuais podem contribuir para os estudos da mediação e apropriação da informação

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: POSSIBILIDADES DE ESTUDOS DO PARATEXTO

Conforme pudemos ver, um item de informação não é apenas produção de seu autor mas um trabalho no qual se empenham diferentes atores a fim de levar o item ao leitor, e a cada leitor um mesmo item. Desse modo, a exemplo, a publicação de livros literários segue em alguma medida como um trabalho coletivo desde o início da época moderna,

[...] a publicação das obras implica sempre uma pluralidade de atores sociais, de lugares e dispositivos, de técnica e gestos. Tanto a produção de textos quanto a construção de seus significados dependem de momentos diferentes de sua transmissão: a redação ou o texto ditado pelo autor, a transcrição em cópias manuscritas, as decisões editoriais, a composição tipográfica, a correção, a impressão, a representação teatral, as leituras. É nesse sentido que se podem entender as obras como produções coletivas [...]. (CHARTIER, 2002, p. 44)

Parece-nos, a princípio, que toda equipe editorial responsável por elaborar os elementos peritextuais atua como mediadora da informação. Igualmente, toda comunidade que lê e registra sua opinião sobre uma obra no espaço público, ou mesmo todas as formas de epitexto, atua também como mediadora. Todos os capistas, críticos profissionais e amadores e demais profissionais do texto responsáveis por gerar paratextos agem, então, como profissionais da informação¹ e interferem na informação com o objetivo, e por meio, da apropriação da informação, criando conflitos e novas necessidades de informação.

Do mesmo modo, todo paratexto é também um gesto de apropriação da informação, de produção, construção e negociação de sentido sobre o texto, o sujeito e o mundo. A materialidade paratextual indicia, tal como vemos, a apropriação da informação pelo profissional da informação que a produziu, bem como todo contexto sociocultural em que está imerso, as motivações de sua produção e o público ao qual se dirige.

No contexto da Ciência da Informação, podemos verificar algumas pesquisas que se ocuparam dos elementos paratextuais, a exemplo de Santos (1992), que comenta, entre outros elementos, a paratextualidade nas obras infantis; Andretta e Gaspar (2013), que analisam pela via da análise do discurso o modo como as capas de livros retratam o conteúdo

¹ Recordamos que, conforme a pesquisadora Maria das Graças Targino (2000, p. 64-65), “[...] todos os bibliotecários são ou deveriam ser profissionais da informação, mas nem todos os profissionais da informação são bibliotecários. A eles, somam-se documentalistas, arquivistas, museólogos, administradores, contadores, analistas de sistema, comunicólogos, jornalistas, publicitários, estatísticos, engenheiros de sistemas, sociólogos, educadores, dentre outros, com ênfase para ocupações emergentes, como webmasters e analistas de lógica industrial.”

da obra; e Lluch, Tabernero-Sala e Calvo-Valios (2015), que abordam os epitextos virtuais e indicam que analisar esses documentos permite conhecer como eles criam significado, influenciando a concepção do leitor, da leitura e literatura.

Isso posto, indicamos a possibilidade de interlocução com as áreas da Análise do Discurso e da História Cultural da Leitura para compreender o fenômeno da mediação, apropriação e circulação da informação na extensão paratextual, tendo em vista as transformações do perfil do leitor, o mercado editorial e as mudanças socioculturais. Essas análises podem ser realizadas, tal como pensadas, sob um viés sincrônico, isto é, observando como os elementos peritextuais e epitextuais dialogam e indiciam os significados do texto, as práticas de leitura e o perfil do leitor em uma temporalidade determinada e bem delimitada. Por outro lado, podemos considerá-las num eixo diacrônico, verificando essas variáveis ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n.1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/17/39>> Acesso em: 09 jan. 2014.
- _____. Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A.; SILVA, R. J. (Org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: Abecin, 2015. p. 9-32.
- ANDRETTA, P. I. S.; GASPAR, N. R. Um olhar discursivo nas capas de livros: diálogos entre as imagens e as palavras em Dom Casmurro. **Informação & Sociedade**, Paraíba, v. 22, n.2, p. 37-49, 2012. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/10419/7756>>. Acesso em: 01 out. 2012.
- BARBOSA, R. C. B.; FRADE, I. C. A. S. Diferentes versões, diferentes paratextos?: análise da obra "o menino poeta". In: AGUIAR, V. T.; YUNES, E. (Org.). **Anais do Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil**. Porto Alegre: PUCRS, 2012. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Index.html>>. Acesso em: 28 mar. 2017.
- BATISTA, C. L. C. Mediação e apropriação da informação pública fiscal: educação para a cidadania. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 5, n. 2, p. 181 – 205, jul./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/22793>>. Acesso em: 12 ago. 2017.
- CHARTIER, R. **Do Palco à Página: publicar teatro e ler romances na época moderna: séculos XVI-XVIII**, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- DALMONTE, E. F. **Pensar o discurso no webjornalismo: temporalidade, paratexto e comunidades de experiência**. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em:

<<http://static.scielo.org/scielobooks/nb/pdf/dalmonte-9788523212155.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo? **Revista de Ciências e Tecnologias da Informação e Comunicação do CETAC.MEDIA**, nº4 - junho de 2007. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/view/645/pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GENETTE, G. **Paratextos editoriais**. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê, 2009.

LE COADIC, Y-F. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

LLUCH, G.; TABERNERO-SALA, R; CALVO-VALIOS, V. Epitextos virtuales público como herramientas para la difusión del libro. **El profesional de la información**, v. 24, n. 6, p. 797-804, noviembre-diciembre, 2015. Disponível em: <<http://www.elprofesionaldelainformacion.com/contenidos/2015/nov/11.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

MONTEIRO, S. D. A forma eletrônica do hipertexto. **Ciência da Informação**, v. 29, n. 1, p. 25-39, 2000. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/953>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

RIBEIRO, J. P. **Capas de livros**: entre a arte o artifício. 2002. 166 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

SANTOS, N. M. Literatura infantil brasileira: ecos da pós-modernidade. **Informação & Sociedade**: Estudos, v. 2, n. 1, p. 72-78, 1992. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/1419>>. Acesso em: 12 Ago. 2017.

SERFATY-GARZON, P. Apropriação. In: **Dictionnaire critique de l'habitation et du logement**. Paris: Armand Colin, 2003.

TARGINO, M. G. A. Quem é o profissional da informação? **Transinformação**, v. 12, n. 2, 2000. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/20438>>. Acesso em: 22 Mar. 2017